0042

AS MAIS BELAS HISTÓRIAS INFANTIS DE TODOS OS TEMPOS

# Aladim e a Lâmpada Maravilhosa



EDITORA GLOBO



Há muitos anos, vivia na China um velho tintureiro bem pobre. Seu único filho, chamado Aladim, era um menino preguiçoso demais. Passava o dia brincando na rua e, quando o pai lhe pedia para ajudar na tinturaria, respondia com maus modos:

— Não vou, não! Agora estou brincando!

Nem depois que o pai morreu o preguiçoso tomou juízo. Em vez de ajudar a mãe, passava o tempo todo na rua, brincando com a molecada.

Um dia, apareceu na cidade um homem esquisito que, pelas roupas, parecia vir de muito longe, talvez da África. Assim que viu o menino, perguntou:

— Você não é Aladim, o filho do tintureiro?

— Sou, sim — respondeu o garoto.

— Eu quero falar com seu pai — disse o homem.

Aladim fez uma cara de tristeza e explicou:

— Meu pai morreu.

— Ah, é? Eu não sabia... Coitado! — suspirou o homem. — Então diga a sua mãe que amanhã cedo eu vou até a casa de vocês. E leve esse dinheiro para ela comprar alguma coisa.

O homem enfiou a mão no bolso e deu umas moedas de ouro para Aladim. Depois, foi embora.

No dia seguinte, logo cedo, ele apareceu na casa da viúva. Nem bem entrou, desatou a chorar, desesperado.

— Esperei trinta anos para rever meu querido irmão... e agora não poderei mais abraçá-lo!

— Irmão?! — exclamou a mulher, espantadíssima.



— Sim, eu sou irmão do falecido — explicou o homem, sempre chorando.

A mulher olhou bem para ele.

— Mas o senhor é tão diferente do meu marido...

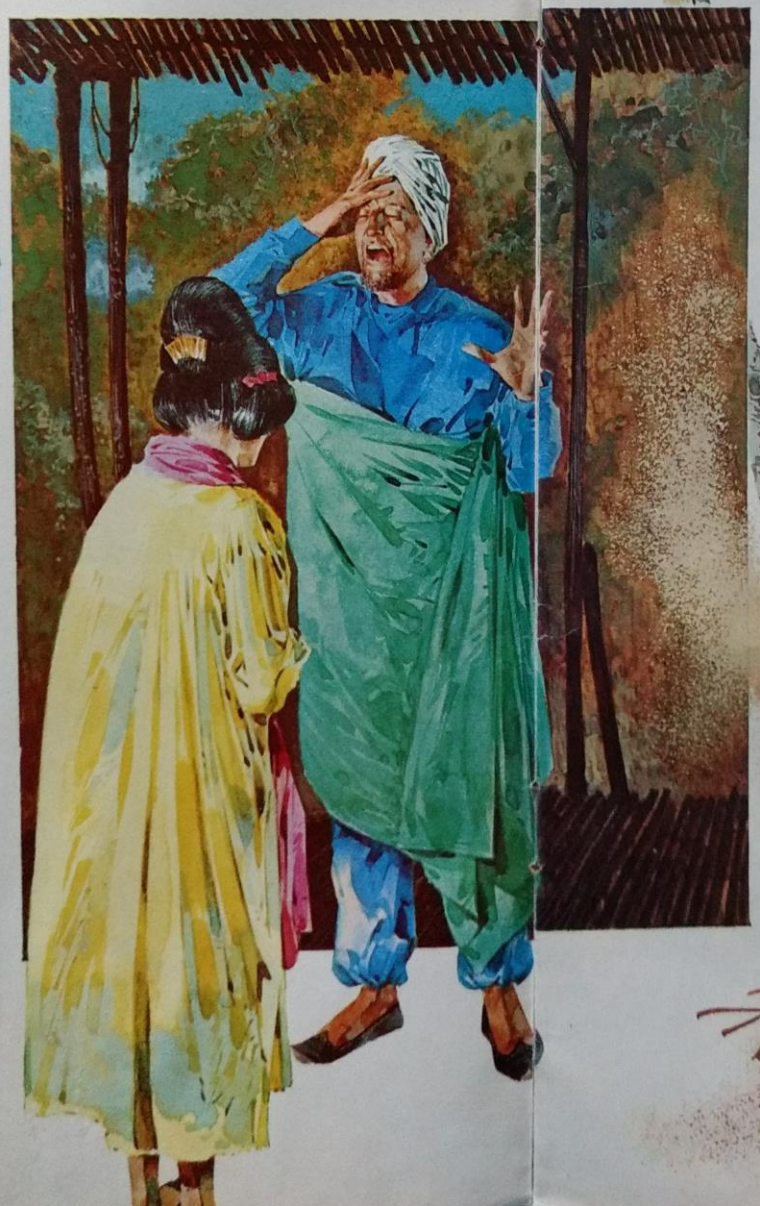
— É que eu morei muito tempo longe dele — respondeu o forasteiro.

A explicação não convencia, mas a viúva acreditou assim mesmo. Convidou a visita para entrar e serviu uma xícara de chá.

Aladim só olhava, desconfiado.

O homem tomou todo o chá e depois disse para eles:

— De hoje em diante, vocês não precisam se preocupar com mais nada. Eu vou cuidar dos dois e educar muito bem esse garoto.



O menino não gostou nada da idéia de ser educado por aquele desconhecido, mas sua mãe insistiu:

— Vai, Aladim, seu tio fará de você um homem!

Muito a contragosto, o menino teve de acompanhar o tio, que quis seguir viagem imediatamente. Os dois caminharam durante muito tempo até chegarem na entrada da floresta, bem próximo a uma grande montanha. O homem, então, ordenou:

— Vá buscar lenha e faça uma fogueira para espantar os insetos — mandou o estranho, quando caiu a noite.

— Já andei muito — respondeu o menino, emburrado.

O homem não ficou bravo, mas o encarou com firmeza.

— Escute bem o que eu vou dizer: não sou seu tio nem tio de ninguém. Sou um mago muito poderoso, e, se você não fizer o que eu mandar, vira minhoca.

Aladim não acreditou muito na história. Mas, pelo sim, pelo não, achou melhor obedecer de uma vez.



Assim que a fogueira ficou pronta, o mago se levantou e chegou perto. Então, estendeu a mão e começou a entoar uma cantoria estranha com palavras que Aladim nunca tinha ouvido em sua vida.

— O que o senhor disse? — perguntou o menino, meio assustado.

— Não me atrapalhe! — berrou o homem, que precisou começar tudo outra vez.

Sem entender nada, Aladim ficou quietinho esperando no que aquilo ia dar. De repente, o fogo sumiu e, no lugar dele, apareceu uma pedra enorme com uma alça.

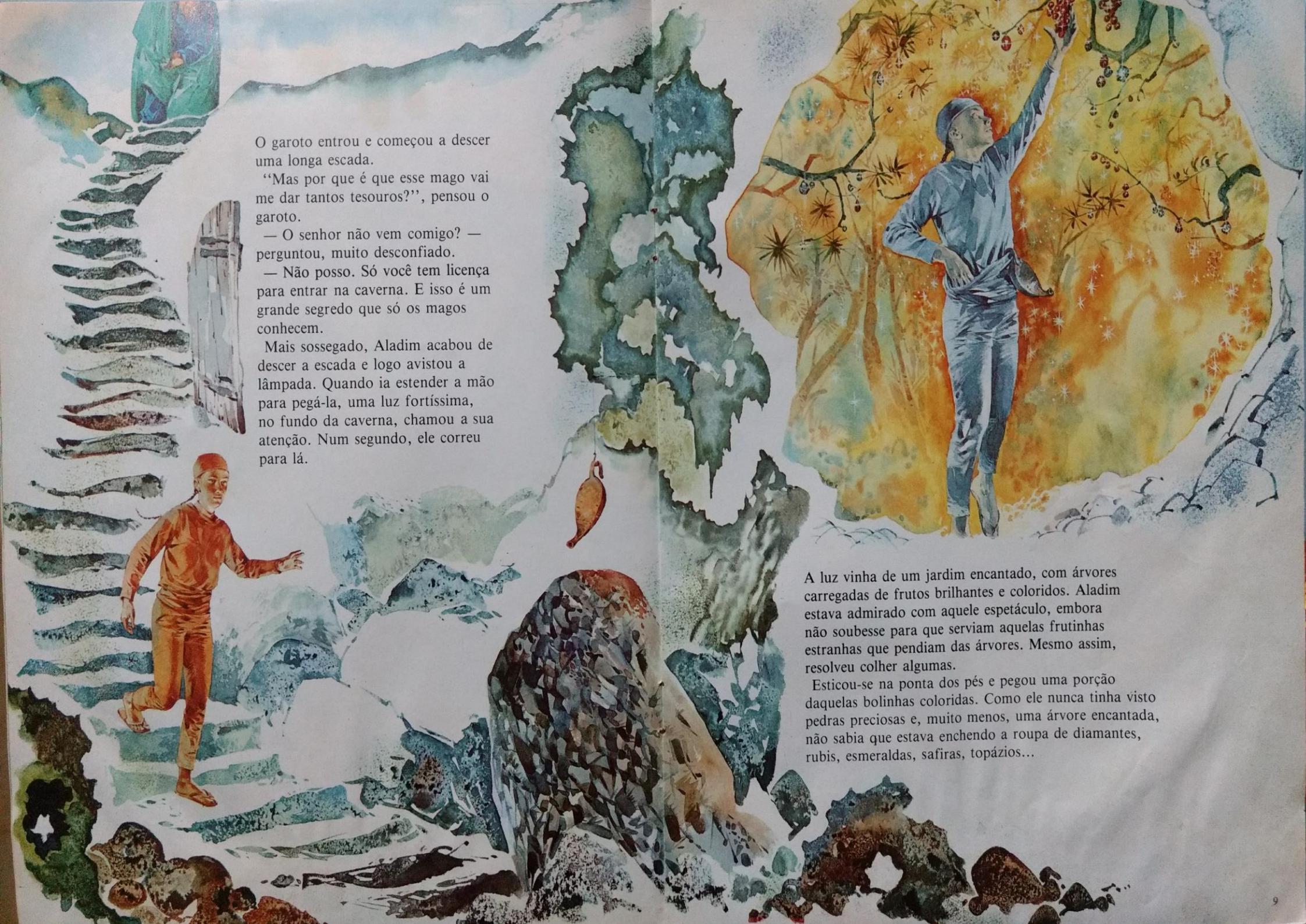


Espantadíssimo, Aladim quis saber como é que o homem tinha feito aquilo.

— É segredo — respondeu ele. — Só posso dizer que, embaixo dessa pedra, existe uma caverna cheia de tesouros. Vá lá e pegue tudo o que você quiser. Para mim, traga apenas uma lâmpada que está pendurada bem no fim da escada.

Muito contente porque ia ficar rico, o menino pegou a pedra pela alça e puxou com toda a força. O homem, então, jogou um anel para ele e disse:

— Ponha no dedo este anel mágico. Ele vai ajudar você em caso de perigo.



O garoto entrou e começou a descer uma longa escada.

"Mas por que é que esse mago vai me dar tantos tesouros?", pensou o garoto.

— O senhor não vem comigo? — perguntou, muito desconfiado.

— Não posso. Só você tem licença para entrar na caverna. E isso é um grande segredo que só os magos conhecem.

Mais sossegado, Aladim acabou de descer a escada e logo avistou a lâmpada. Quando ia estender a mão para pegá-la, uma luz fortíssima, no fundo da caverna, chamou a sua atenção. Num segundo, ele correu para lá.

A luz vinha de um jardim encantado, com árvores carregadas de frutos brilhantes e coloridos. Aladim estava admirado com aquele espetáculo, embora não soubesse para que serviam aquelas frutinhas estranhas que pendiam das árvores. Mesmo assim, resolveu colher algumas.

Esticou-se na ponta dos pés e pegou uma porção daquelas bolinhas coloridas. Como ele nunca tinha visto pedras preciosas e, muito menos, uma árvore encantada, não sabia que estava enchendo a roupa de diamantes, rubis, esmeraldas, safiras, topázios...

Aladim sempre pensou que tesouros fossem de ouro. Assim, procurou-os por toda a parte, mas em vão.

— O mago me enganou — disse. — É melhor eu sair daqui antes que ele me apronte outra pior.

O menino voltou, pegou a lâmpada e subiu a escada. Quando chegou lá em cima, não conseguiu sair sozinho da caverna e pediu ajuda.

— Primeiro me dê a lâmpada — exigiu o mago.





Passaram-se alguns anos e Aladim ficou moço.

Um dia, estava sentado na porta de casa, quando os guardas do imperador apareceram na rua, gritando:

— Todo mundo para dentro! Rápido! A princesa Kione vai passar e ninguém pode pôr os olhos nela.

As pessoas sumiram bem depressa. Tinham muito medo do soberano, um homem severo que mandava matar quem desobedecesse as suas ordens.

Aladim também foi para dentro, mas ficou espiando por detrás do portão. E, sem ninguém perceber, conseguiu ver a filha do imperador.

Como era linda! Suave e delicada como uma borboleta... Parecia uma boneca de porcelana, no seu vestido de seda. E tinha na cabeça uma coroa mais brilhante que o sol.

"É a moça mais bonita que eu já vi na vida", pensou. "Eu quero me casar com ela..."



No mesmo instante, Aladim procurou a mãe.

— Lembra daquelas frutas esquisitas que eu peguei na caverna, quando era menino?

A mulher pensou um pouco e respondeu:

— Lembro, sim. Estão guardadas no baú.

— Pois leve todas para o imperador. Ele pode gostar... E diga que eu quero me casar com a princesa.

— Mas, meu filho, isso é impossível! O imperador não vai deixar a princesa se casar com você. Ele vai é mandar matar a gente...

A viúva implorou para Aladim desistir daquela idéia louca. Mas tanto o moço teimou que ela acabou colocando as pedras preciosas numa cesta e foi para o palácio do imperador.



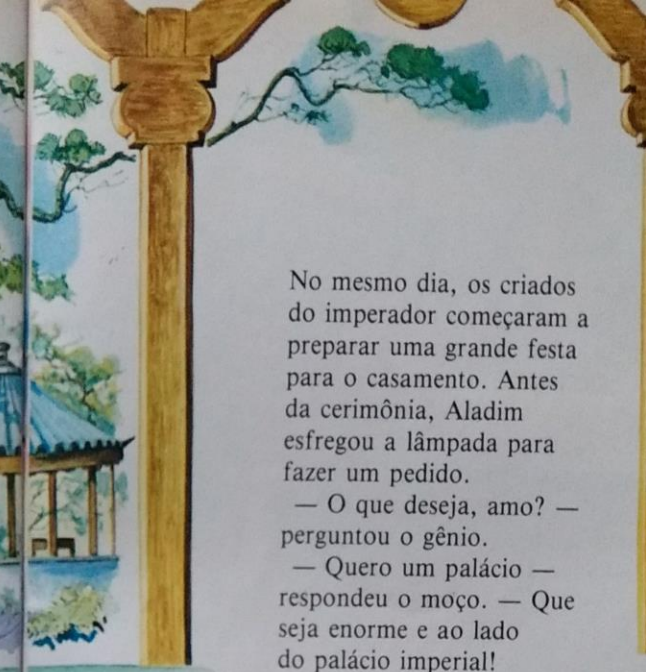
Ao ver o presente, o soberano ficou encantado.

— Isso vale uma fortuna!

— Foi o meu filho que mandou. E disse que quer se casar com a princesa.

A viúva até se encolheu, esperando o pior. Mas o imperador respondeu:

— É uma honra dar a mão da minha filha para um moço tão rico e gentil.



No mesmo dia, os criados do imperador começaram a preparar uma grande festa para o casamento. Antes da cerimônia, Aladim esfregou a lâmpada para fazer um pedido.

— O que deseja, amo? — perguntou o gênio.

— Quero um palácio — respondeu o moço. — Que seja enorme e ao lado do palácio imperial!







Acostumado com pedidos modestos, o gênio ficou espantado com o desejo de Aladim.

— Um palácio?!

— Isso mesmo. E ande depressa. Amanhã eu quero estar morando lá, bem pertinho...

O gênio olhou intrigado para o seu amo, esperando uma explicação. Mas Aladim ficou tão sério que ele tratou de cumprir a ordem, logo-logo.

Na manhã seguinte, o imperador foi dar o seu passeio pelo jardim e viu um palácio novo em folha.

— De quem será? — perguntou aos ministros.

Os criados foram se informar e voltaram dizendo:

— O palácio é do noivo da princesa, majestade.

"O moço é mais rico do que imaginei", pensou o imperador, alisando a barba, todo contente.

E, no dia do casamento da filha, ele estava ainda mais feliz que os próprios noivos. Tinha certeza de que ninguém, em toda a China, poderia dar mais conforto e felicidade para a princesa que o rico e apaixonado Aladim.



Durante muito tempo, eles viveram felizes.

Um dia, Aladim precisou fazer uma viagem para muito longe e deixou a mulher em casa, com as damas de companhia e os criados.

Ao descansar no terraço, num final de tarde, a princesa viu chegar um homem estranho.

— Tem algo para vender? — perguntou ele.

A princesa ia abrir a boca para dizer que não, mas a dama que estava com ela lembrou:

— Alteza, que tal se a senhora vendesse aquela lâmpada velha? Não serve para nada.

O homem, que na verdade era o mago disfarçado, não escondeu o contentamento ao perceber que poderia recuperar a lâmpada.

— Posso ver a peça, Alteza? — perguntou ele.

A princesa concordou e mandou a dama buscar a lâmpada maravilhosa. Mais que depressa, o mago deu para ela uma bolsa de moedas e saiu.





Mas, em vez de ir embora, ele deu a volta no palácio e se escondeu no jardim. Então, esfregou a lâmpada, e o gênio apareceu.

— Sim, meu... Tenho um novo amo?!

O mago fez cara de zangado e respondeu:

— Tem, sim. E não faça mais perguntas. Trate de mandar este palácio para a minha terra.

O gênio não gostou nada da ordem e muito menos do mago. Mas, como estava destinado a ser escravo de quem tivesse a lâmpada maravilhosa nas mãos, foi obrigado a obedecer.

— Pois não, amo... — resmungou baixinho.

No mesmo instante, abriu os braços e o palácio inteiro, com princesa e tudo, foi parar na África, do outro lado do mar.



Quando voltou da viagem e encontrou o jardim vazio, Aladim ficou muito triste. Então, chamou o gênio do anel e pediu a princesa e o palácio de volta.

— Não sou um gênio tão poderoso assim, mas posso levar o senhor até lá.

Dali a pouco, Aladim chegou ao palácio e mandou a princesa dar bastante vinho para o mago. Depois, esperou ele adormecer, pegou a lâmpada e chamou o gênio poderoso.

— Carregue esse homem para uma ilha deserta — ordenou. — E leve a gente de volta para a China.



O gênio ficou muito contente por se livrar daquele mago rabugento e por ter Aladim de novo como amo.

— Será um prazer — respondeu.

Com um gesto, mandou o mago para a ilha mais deserta do mundo e fez o palácio voltar para a China.



Anos depois, o pai da princesa morreu e Aladim passou a ser o soberano de toda a China.

E, como costuma acontecer nas histórias, teve muitos filhos e governou com sabedoria até o final da vida.



ISBN 85-250-0907-5

9 788525 009074